

A ideologia na obra de Antonio Carlos Pacheco e Silva

Francisco B. Assumpção Jr.

O autor apresenta, através da obra de Antonio Carlos Pacheco e Silva, a questão ideológica na psiquiatria.

Discute também sua importância naquele momento histórico brasileiro, bem como sua influência na psiquiatria brasileira até os dias de hoje.

Palavras-chave: Antonio Carlos Pacheco e Silva, ideologia, história da psiquiatria

Introdução

A relação entre Medicina e História é inegável, uma vez que a memória é um dos aspectos básicos para a ordenação lógica e formal do conhecimento humano. Todo fato social é um fato histórico e vice-versa (Goldman,1986) e, assim, a reflexão e a aproximação entre ambas as áreas deve ser incentivada para que se reconstrua, gradualmente, o pensamento dentro do processo histórico que o permeia e que está intimamente associado a autores de outras áreas do conhecimento que estão, em um mesmo momento, construindo uma identidade nacional e pessoal. Isso porque, pensando-se a história, não de maneira racionalista e empírica, a partir da qual o passado não apresenta nenhuma importância existencial nem para o presente, nem para o futuro, mas sim de maneira dialética a partir da qual todo acontecimento exerce uma influência sobre os outros (ibid.), seu estudo é de fundamental importância para a compreensão do momento presente e a prospecção do futuro. Essa talvez seja uma das diferenças fundamentais entre a história, responsável pelo estudo dos comportamentos humanos em sociedade através do tempo, das ciências físico-químicas, responsáveis pelo estudo da matéria inanimada.

O próprio objeto deste trabalho, o Prof. Dr. Antonio Carlos Pacheco e Silva, considera essa associação importante quando, em seu artigo “Iniciação Médica” (1950), refere que

... só se pode, porém, alcançar esse objetivo (o avanço da medicina) não perdendo contacto com o passado. Littré, salientando as vantagens que tem todo o médico de conhecer as obras de Hipócrates, pondera: Quando o pensamento antigo e o moderno se encontram, um fecunda o outro; não há, eu experimentei, exercício mais salutar do que meditar na companhia dos grandes espíritos dos tempos passados, sobre as doutrinas, sobre as observações, sobre a marcha das ciências, e é nesse sentido que adotei por epígrafe uma frase de Galeno, cheia de profundidade: familiarizai-vos com os livros dos antigos homens.

No mesmo texto, em páginas diferentes, refere que “deve-se insistir sobre a importância dos estudos históricos em medicina, demonstrando que a ciência atual não é senão o resultante de todo o poderio do passado...” (p. 19) e posteriormente “reviver de quando em quando as figuras do passado, render homenagem àqueles que traçaram as bases da medicina, não só pelas grandes descobertas, mas pelo método, fruto de grande meditação e recolhimento, é tarefa louvável e dever que assiste às gerações que se sucedem” (p. 75).

Justifica-se, assim, a necessidade de resgatarmos figuras importantes do passado para que, nela embasados, possamos melhor compreender os passos dados pela psiquiatria em nosso país.

A metodologia desses estudos deve, em sendo o estudo de fatos humanos, não se fundamentar por si mesma em nenhum juízo de valor, devendo evitar as deformações provocadas pelas simpatias ou antipatias. Assim, esses juízos devem ser evitados na análise de figura tão importante como o sujeito deste nosso trabalho.

Para conseguirmos isso, e considerando a vastidão de sua obra (mais de 1.200 trabalhos publicados no Brasil e no exterior [Editorial, 1988-1993]), escolhemos aleatoriamente alguns de seus trabalhos, a partir daqueles existentes na biblioteca do Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, preferindo aqueles de maior abrangência e menor especificidade, uma vez que nosso objetivo era avaliar a questão ideológica na obra do referido autor.

Dentro desse escopo e por toda sua participação, não somente na posição do cientista, mas na do intelectual participante do momento histórico, é que ele deve ser examinado para que se possa verificar sua participação no processo de desenvolvimento da identidade psiquiátrica no Estado de São Paulo.

Por isso a questão ideológica reveste-se de fundamental importância, uma vez que Ideologia, termo forjado por Cabanis, corresponde ao “sistema de idéias, representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social”, só existindo a prática a partir dela (Althusser, s/d).

Antonio Carlos Pacheco e Silva, nascido em 1898 e falecido em 1988, foi uma das grandes figuras da psiquiatria paulista sucedendo Franco da Rocha na direção do Hospital do Juqueri e na cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Foi pesquisador, baseando-se bastante na Teoria das Degenerescências, e membro da Liga Brasileira de Higiene Mental, chegando a criar sua correspondente paulista no Hospital do Juqueri.

Foi ainda um dos fundadores da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e do Instituto Racional do Trabalho, desenvolvendo técnicas de seleção e “adestramento” profissional (Campos, 2001). Esse instituto tinha como meta o estabelecimento de bases racionais de organização do trabalho para que não houvesse desperdício e o lucro industrial fosse garantido. Seus principais fundadores eram, assim, ligados à indústria paulista (Campos, 2002).

Essa participação é compreensível se pensarmos que essa época, próxima à revolução de 1930, tipifica uma ruptura histórica caracterizada pelo fim do quadro sociopolítico brasileiro de dominação oligárquica da burguesia cafeeira com a busca de soluções para um “Brasil errado” (Fausto, 1997), soluções essas visualizadas a partir do processo de industrialização.

Portanto, mais do que avaliar sua produção científica, que seria importante por nos mostrar algumas concepções psiquiátricas da época, preferimos tentar

compreender seu sistema de pensamento, sobre o qual fundamentou as idéias que lhe permitiram construir a estrutura da psiquiatria paulista, estrutura essa que persiste até o presente momento uma vez que os homens se representam na ideologia, e a relação dos homens com as condições e existência se encontra no centro de uma relação ideológica que representa o mundo real de acordo com sua visão. Assim, ela repousa sobre as formações sociais e as relações e classe, pois “nenhuma classe pode, duravelmente, deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado” dentre os quais podemos destacar a universidade e o terreno das idéias, ambos muito bem abordados pelo autor em questão (Althusser, s/d).

O conservadorismo

Sua visão de mundo conservadora aparece em diferentes trabalhos, sob diferentes temas, sempre mostrando uma grande rigidez nos valores que prezava como quando, referindo-se a D. Helder Câmara, cita (Pacheco e Silva, s/d):

D. Helder Câmara, nessa mesma conferência (Paris, abril 1968, “A única opção: a violência?”) utiliza da mesma linguagem dos comunistas, deblaterando contra os Estados Unidos (...) Assim, D. Helder Câmara, no seu livro *Revolução dentro da paz*, cheio de contradições e incongruências, investe, como sempre o faz, ferozmente contra os Estados Unidos, contra a industrialização, contra a empresa privada.

Fica clara e explícita nessa pequena citação, sua posição capitalista e americanófila, também já observada em outros textos.

Por méritos técnicos e científicos, foi nomeado diretor do departamento de Assistência aos Psicopatas, criado pelo governo provisório em 1930, com a finalidade de definir políticas sociais.

Entre 1933-1934 foi deputado classista, e, coerentemente dentro de suas posturas teóricas, foi representante dos empregadores na Assembléia Nacional Constituinte, indicado pela Associação Comercial de São Paulo juntamente com Roberto Simonsen. Sua atuação abrangeu áreas de Higiene Mental, Medicina Social, Previdência e Saúde Pública, entre outras, tendo lutado para que constasse na Constituição a responsabilidade do Estado no que se refere a Serviços Sociais, estímulo à Educação Eugênica e implantação da Higiene Social e Mental, sempre visando o “aperfeiçoamento da raça” e defendendo a teoria da “Homicultura”, que designava o somatório dos esforços de diferentes áreas do conhecimento na busca da prevenção da degradação física e mental da humanidade, sendo a eugenia,

o elemento catalisador dessas idéias e, assim, mostrando-se simpático às medidas adotadas por Hitler, em 1937, com a finalidade de eugenizar a Alemanha (Campos, 2001), embora em seu texto sobre anti-semitismo (Pacheco e Silva, 1933), negue peremptoriamente tal idéia, partindo da premissa comum e já citada por outros autores, que

... uma das principais características de nossa gente é não ter preconceito de raça, cor ou de nacionalidade *concluindo que não há só um tipo de judeu, mas vários e que* si a própria criminologia, baseada na biologia, adota hoje o critério da individualização da pena, como condenar toda uma população só porque sobre ela pesa a suspeita de ter este ou aquele sangue, esta ou aquela língua, este ou aquele dogma.

Entretanto, sobre tema similar, pois diz respeito à imigração no Brasil, refere, em outro trabalho (Pacheco e Silva, s/d), que “cumpre, pois, não só proceder a uma melhor seleção dos imigrantes como procurar também estudá-los e conhecê-los. Só assim será possível a adoção das medidas mais aconselháveis no propósito de se lograr uma adaptação mais perfeita e integral do imigrante, seja ela externa ou interna.” (p. 125)

Em 1927 apresenta ao Senado do Estado de São Paulo o projeto nº 3 visando a instalação de estabelecimento autônomo, inteiramente isolado para criação do Manicômio Judiciário que passou a recolher diferentes tipos de problemas, frisando que

... as observações que temos realizado demonstram uma percentagem muito maior de criminosos alienados entre os estrangeiros, o que nos tem levado a insistir sobre a necessidade de uma mais rigorosa seleção individual dos imigrantes, muitos dos quais já no país de origem demonstravam distúrbios psíquicos. (ibid.)

Aliás, essa questão referente a uma política de segregação, não somente relacionada ao imigrante ou ao criminoso, mas também ao doente mental, aparece novamente quando diz, a respeito dos hospitais psiquiátricos, que

... a sociedade não pode ficar exposta às reações mórbidas de psicopatas impulsivos e agressivos, que a põem em permanente risco... quando em liberdade têm esses psicopatas os seus instintos mórbidos exacerbados pela ação dos tóxicos e de outros fatores psicossociais inerentes ao próprio ambiente nocivo das megalópoles, sendo levados à prática do crime. (1974, p. 128)

Esse discurso já é francamente anacrônico na época, como podemos ver a partir das experiências de desinstitucionalização nos Estados Unidos, em Quebec e até mesmo na Espanha, onde a Reforma Psiquiátrica se iniciou tardiamente, em meados dos anos 1980 (Desviat, 1994). Entretanto, reflete de maneira clara

e coerente as posições do autor que se mantém praticamente as mesmas desde o início de sua carreira.

Todas essas questões, ligadas diretamente aos conceitos de Eugenia, aparecem em outro trabalho (Pacheco e Silva, 1936) quando, narrando o 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, organizado por Miguel Couto, Roquete Pinto e Renato Kehl, frisa que São Paulo, àquele momento, era “o maior laboratório racial do mundo, e não pode descuidar-se desse magno problema, para que futuras gerações de paulistas, produto de cruzamentos os mais variados, mas caldeados sob o imenso sol, unificadas pela mesma língua, cimentadas pelas mesmas crenças, possam reunir as boas qualidades das raças de origem” (p. 66-7), sugerindo que deva partir da imprensa médica, a divulgação da idéia de que seria importante um tipo racial ideal, melhor dotado física e mentalmente, para o desenvolvimento do país, uma vez que se estaria numa época na qual já existiria essa preocupação com espécies animais e vegetais.

Essa tematização tem uma origem mais antiga em nosso país, podendo ser observado que, desde 1850, havia-se definido o imigrante ideal como “branco, camponês, resignado...” considerando-se indesejáveis “as raças atrasadas, não civilizadas, inferiores”, orientando-se assim as políticas imigratórias brasileiras desde o Império até a metade do século XIX, tanto em relação às áreas agrícolas do Sul como as áreas cafeeiras de São Paulo, constituindo-se essa idéia no sentido da constituição de um “tipo” brasileiro, física e culturalmente homogêneo.

Essas idéias manifestaram-se politicamente em projetos de lei apresentados por Cincinato Braga e Andrade Bezerra em 1921, cujo conteúdo eram de que se evitasse a imigração negra, retomando lei de 1891, revogada em 1907.

Observamos o mesmo fato de modo mais marcante ainda na versão de Fidelis Reis, de 1923, que propõe restrições absolutas à entrada de negros, estímulo à entrada de europeus e restrições parciais aos amarelos, estes últimos com cota de 3% (Ramos, 1998).

Essas visões, com base na teoria da degeneração do século XIX, estabelecem a chamada higiene racial que, realmente, participa de um movimento, primariamente nacionalista em diferentes países, inclusive na Alemanha, situação essa que se altera com o advento do Nacional-Socialismo na década de 1920 transformando-a em uma questão política embasada na teoria de que diferentes condutas possuíam raízes genéticas que explicariam diferenças sociais e raciais. Tais teorias levaram aos modelos de esterilização executados tanto nos Estados Unidos como na Alemanha entre os anos 1920 e 1940.

Porém, só em 1935 Hitler assina a Lei de Nuremberg, com caráter preventivo, proibindo o casamento entre judeus e não judeus na tentativa de se evitar uma “poluição racial” (Proctor, 1992). Pode-se observar então como uma questão teórica torna-se embasamento para aspectos políticos e legais.

Em nosso país, caracterizava-se assim a importância do conceito de raça e a biologização e medicalização de problemas sociais, bem como a influência de fatores de degenerescência com a entrada de povos “menos civilizados” como judeus e ciganos.

A higiene mental

A questão da Higiene Mental é um dos pontos centrais de seu pensamento, observado em diferentes textos, como quando refere que (Pacheco e Silva, s/d)

... se medidas de defesa no campo da saúde mental não forem adotadas, com o necessário rigor, de forma pronta e eficiente, de molde a segregar, do seio da coletividade, os diversos tipos portadores de um estado de perigosidade latente, de que a nossa sociedade está grandemente impregnada, não é preciso ser profeta para afirmar que, a despeito das medidas policiais, o nosso índice de criminalidade, sobretudo de homicídios, será cada vez mais elevado, revestindo-se de características trágicas e dolorosas, peculiares aos tipos mórbidos que os praticam. (p. 147)

Assim, paralelamente à miscigenação das raças, a segregação dos indesejáveis, sob o ponto de vista da melhoria social, é um aspecto importante na concepção de sociedade organizada.

Visões humanísticas, como a psicanálise, que influencia praticamente todo o século XX, também são analisadas de maneira marcante quando, por exemplo cita Pinckeny (Pacheco e Silva, 1974) em capítulo intitulado “Psicanálise – A mistificação do século” dizendo que “é o que o autor demonstra de forma cabal, com proficiência, talento, coragem e erudição, buscando alertar aos incautos e clamar às autoridades, para que ponham um paradeiro a uma das maiores e mais perniciosas mistificações deste século” (p. 94) uma vez que desde muito antes (Pacheco e Silva, 1936) já afirmasse que suas hipóteses eram falsas e que só se constituiriam em um aspecto histórico no desenvolvimento da psiquiatria, devendo assim desaparecer rapidamente como refere Steckel ao dizer que “a psicanálise ortodoxa está em crise e esta é o prenúncio de seu esboroamento” (p. 88-9).

Aliás, sua posse como professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1936, sucedendo a Franco da Rocha, define o antagonismo entre ambas as matérias, psiquiatria e psicanálise, dentro da vida acadêmica no Estado de São Paulo (Abrão, 2001).

Da mesma forma, em outros assuntos, advoga conceitos similares como em 1942, durante conferência realizada em sessão conjunta da Divisão de Medicina Social da Comissão Permanente de Ação Social e pelo Departamento Científico

do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, citando, de maneira textual, referindo-se ao espiritismo (Pacheco e Silva, 1950): “encontrar situações felizes para remediar as mais precárias situações financeiras, para a realização de aspirações afetivas, para salvar uniões ameaçadas, para restituir a saúde a doentes incuráveis e ainda para rever entes queridos já mortos” ocasionaria “aumento no número de doentes que eram internados no hospital por ele dirigido, cujas primeiras desordens mentais coincidiram com a frequência a sessões espíritas”, fazendo distinção importante entre o “baixo espiritismo” e a “ciência metapsíquica” de Richet sugerindo uma medida que poderia pôr fim a esses fenômenos de “nefasto malefício” para a saúde mental da população, a punição (que seria garantida pela Constituição de 1942) com pena de detenção de seis meses a dois anos aos responsáveis pela prática de curandeirismo o qual caracterizava por

- I. prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente qualquer substância;
 - II. usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;
 - III. fazer diagnósticos;
- Único. – se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito a multa de um a cinco contos de réis.

46

Concluía dizendo que essa seria uma sábia medida de higiene mental e uma poderosa arma para se evitar o agravamento das psicopatias, devendo ser de aplicação vigorosa e “muito esperada pelos psiquiatras brasileiros, a quem cabe velar pela saúde mental do nosso povo.”

Podemos, com isso, verificar o papel social em que o próprio autor se coloca, bem como a responsabilidade que se atribuíra perante os problemas sociais, exercendo juízos de valor e retratando determinados grupos enquanto entidades mórbidas, mais do que visualizando-os enquanto outros atores sociais, dentro de uma contextualização histórica.

Isso também aparece em sua obra, *Hippies, drogas, sexo e poluição* (Pacheco e Silva, 1974), de forma bastante explícita, embora em momento histórico totalmente diferente do anterior. Nela, diferentes textos podem ser pinçados para que se tenha a idéia da importância dada à Higiene Mental, não somente no campo da Saúde mas, principalmente, relacionando-a à Segurança Nacional quando refere, ao se reportar às bases orgânicas das perversões sexuais (p. 87-90) que:

... o ponto de partida da decadência humana coincide com a dissolução dos costumes, com os desvios instintivos, sobretudo sexuais, que são da alçada da Psiquiatria, com conotações sociais, o que justifica mais atenção dos cultores da Psiquiatria transcultural, cuja contribuição poderá ser valiosa na aplicação de medidas de higiene mental para impedir a desintegração da família e da sociedade. (p. 90)

Isso lhe permitirá propor modelos de intervenção que ultrapassam a esfera psiquiátrica entrando diretamente na questão política, da qual não fugirá em boa parte de seus escritos.

Também é interessante como coloca meios de comunicação e de cultura contemporâneos como possíveis “causas” de transtornos comportamentais (Pacheco e Silva, 1974), mesmo em período onde os mecanismos de cultura de massa já se incorporaram no cotidiano do país. Assim, ao se referir ao teatro *hippie*, diz que este apresenta, enquanto dupla finalidade, a mensagem de amor e de destruição da sociedade tradicional, pregando, portanto, a subversão pela violência e pela não violência (p. 8-9). Dentro de seu aspecto conservador, esse objetivo é, portanto, profundamente reprovável e ligado a diferentes modelos causais, não representando manifestação cultural e sim manifestações psicopatológicas diversas.

Considera também, como intensamente prejudicial, a influência da televisão e do cinema (Pacheco e Silva, 1936, 1974) culpabilizando a sociedade e o Estado por permitirem desmandos dos jovens devido “omissão, tolerância, complacência, transigência e condescendência, ante os atentados praticados diariamente contra a saúde mental da adolescência” (p. 10) argumentando que (s/d, p. 90) “não é possível que os adolescentes das gerações passadas fossem mais puros, de melhor índole, mais dóceis e compreensivos. Comportavam-se de outra forma, eram mais disciplinados, mais cordatos, porque cresciam em ambiente mais sadio, à sombra da família, num regime de maior austeridade”.

Sua visão é sempre muito rígida, quando apresenta modelos profiláticos, mostrando, de maneira muito clara em trabalho de 1936, ao sugerir a proibição ou a repressão de, pelo menos, três fatores que considera de suma importância nas causas dos chamados crimes de sangue: o alcoolismo, o espiritismo e o baixo charlatanismo (p. 139-41).

A Segurança Nacional

Ao pensarmos a questão da segurança nacional e do papel nela atribuído, pelo autor, ao médico, teremos, sem dúvida, uma boa noção dos aspectos moralizadores envolvidos em sua concepção médica. Isso porque, ao definir Segurança Nacional reporta-se (Pacheco e Silva, 1974), primeiramente a Lyra Tavares (p. 45) e posteriormente a Juarez Távora (p. 46), dizendo que “a comunidade nacional constitui um corpo vivo, sujeito a desagregar-se e a ser destruído na sua unidade espiritual, na sua coesão, na sua capacidade de ação e reação, na sua força realizadora, nos seus propósitos, na sua autonomia de pensar e de viver, na sua sabedoria e na sua liberdade de trabalho e de realizar os próprios destinos...” (p. 45), e depois “a Segurança Nacional é o grau de garantia relativo

que, por meio de ações políticas, econômicas, psicossociais (aí incluídas as técnico-científicas) e militares, um Estado pode proporcionar à coletividade que jurisdiciona, para consecução e salvaguarda dos seus objetivos nacionais” (p. 46) para sugerir que os médicos “para que possam eles continuar a exercer livremente a mais nobre das profissões, que é preciso alertá-los quanto aos perigos da guerra psicológica que tantas conotações têm contra a medicina” (p. 47) e “por isso, os jovens esculápios devem ser devidamente orientados, a fim de não se deixarem envolver pela lúbia dos pregoeiros da ideologia que visa conquistar o mundo” (p. 49) e “buscam assim, a dissolução da família, a corrupção dos costumes, o desprestígio das autoridades, o desrespeito à hierarquia, o desacato aos poderes públicos” (p. 49). “Ao médico, é óbvio, cabe papel de grande relevo nesse combate e o dever de colaborar, com o mais ardoroso espírito cívico e patriótico, em tudo quanto concorra para a segurança nacional” (p. 50).

Adota assim um discurso professoral altamente moralizador e engajado em aspectos ideológicos e políticos bastante claros.

Essa questão da Segurança Nacional se reveste de tamanha importância em seus escritos que aparecerá de diferentes formas e em diferentes momentos, mostrando de maneira bem clara sua posição política influenciando diretamente sua produção acadêmica e científica.

Assim, no mesmo livro, cita diretamente os movimentos contestadores da década de 1960 presentes em todo o mundo e, principalmente, na Latinoamérica (Pacheco e Siva, 1974) ao dizer que “manifesta-se a intranquilidade político-social, não raro com tendências subversivas, como acontece na América Latina, onde nem mesmo a Igreja Católica, que sempre nela desfrutou de grande influência e prestígio, orientando as massas, escapou à influência dessas motivações”, agradecendo que “mercê de Deus, uma revolução saneadora veio salvar o Brasil do caos em que mergulhava” (p. 112).

Misturando questões médicas e políticas, sua preocupação com o comunismo é tão grande que refere (Pacheco e Silva, 1948) que “ultimamente os comunistas russos, chineses e cubanos volveram particularmente, como é sabido, as suas vistas para a América Latina, buscando explorar o subdesenvolvimento, a miséria e a injustiça social. Tentaram assim, a princípio, implantar a sua ideologia no nosso continente recorrendo à força, mas sofreram severas derrotas em três dos nossos grandes países: na Venezuela (1 de dezembro de 1963); no Brasil (31 de março de 1964) e no Chile (4 de setembro de 1964)” aconselhando que “se permanecermos, porém, vigilantes e alertas, cientes e conscientes dos perigos que nos ameaçam, prontos ao revide, nunca medrará em nosso solo outro regime, senão o da liberdade, que só a democracia proporciona e assegura”.

Considerando-se sua visão biologizante e causal, estabelece ligações entre a psicopatologia e a ideologia quando fala, em 1974, que “enquanto isso, vai o

chinês maoísta, lenta e manhosamente, disseminando a heroína no mundo ocidental, sobretudo nos Estados Unidos, o mais visado...” (p. 36).

Essa visão parcial de mundo, determinada muito mais pela ideologia do que pelos fatos empiricamente observáveis, faz com que, mesmo posicionando-se frontalmente contra a tortura, que é cotidiana em toda a América Latina na época, manifeste-se dizendo que (Pacheco e Silva, 1961): “a tortura alia-se à indignidade e à covardia” (p. 197) sendo uma das constantes que determina o totalitarismo, juntamente com o “*crimen magestatis* e a contra-espionagem” (p. 201), porém perde a dimensão dos acontecimentos quando, no mesmo texto (p. 208-10) refere que “paradoxalmente, os comunistas que introduziram, no Brasil, atos de terrorismo os mais violentos, praticando assaltos, roubos, assassinatos, raptos, seqüestros, incêndios, atos de sabotagem e lançamento de bombas, são aqueles que procuram, hoje, fazer crer no estrangeiro, ser o nosso país onde se praticam o maior número e as mais cruéis torturas”, considerando lamentável essa campanha de difamação contra as autoridades constituídas, garantindo que esses indivíduos seriam tratados devidamente e punidos dentro da legalidade, de acordo com princípios humanitários.

Sua preocupação com a Segurança Nacional foi tão intensa que permeou sua obra até o final de sua vida, a ponto de ganhar o 1º Prêmio do Concurso de Monografia sobre o tema “A volência e a Segurança Nacional” promovido pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra-Adesg, em 1980 (Editorial, 1988-1993).

Dessa maneira, se pensarmos de acordo com Nietzsche (2000), que refere que “quem pretende estudar as coisas morais, abre para si um grande campo de trabalho. Todas as espécies de paixões têm de ser examinadas individualmente, perseguidas através dos tempos, povos, grandes e pequenos indivíduos; toda sua razão, todas as suas valorações e classificações das coisas devem ser trazidas à luz. Até o momento, nada daquilo que deu colorido à existência teve história: se não, onde está uma história de amor, da cupidez, da inveja, da consciência, da piedade e da crueldade?”, teremos de pensar a obra de Pacheco e Silva, não somente dentro de um contexto histórico, mas sim como ele se posicionava dentro desse contexto.

Em função de sua importância tanto no âmbito da psiquiatria paulista como na própria constituição da sociedade, considerando-se a constituição de uma nova identidade paulista nesse momento histórico, deve ser contextualizado dentro da história das idéias sociopolíticas.

Muito de seu pensamento tem raízes na obra de Nina Rodrigues que passam então a ser de extrema importância para a sua compreensão.

Entretanto, e contemporâneos desses, encontramos as obras de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, que fornecem informações interessantes e objetivas sobre o cotidiano humano naquele período, com visões bastante

diferentes das por ele sugeridas. O segundo autor aponta claramente a questão da brasilidade, a hibridez na composição fenotípica caracterizando-a enquanto elástica, plástica e adaptável, sem se preocupar ou tomar como paradigma o comportamento e a personalidade dos senhores, com “os símbolos internacionais e internacionalizantes, sendo reinterpretados e combinados com os próprios símbolos locais” (Sansone, 1998).

Conclusões

Sua visão psiquiátrica representa, portanto, a nosso ver, uma classe social na sua relação com a sociedade, expressa sob o ponto de vista científico, da mesma maneira que poderia ter sido expressa sob o ponto de vista religioso, filosófico ou literário, independentemente da visão “idealista” de uma teórica imparcialidade científica. Caracteriza assim uma visão específica do mundo, partindo da premissa da concepção absoluta de suas idéias. Tal aspecto é facilmente verificável historicamente, a partir de construções teóricas como, por exemplo, o *homo oeconomicus*, a idéia de capitalismo, todas construídas imaginando-se homens agindo de maneira totalmente racional na escolha de seus meios, em contraposição ao homem irracional.

Suas idéias, entretanto, são facilmente compreensíveis se consideradas na perspectiva das transformações econômicas e sociais do início de sua carreira e da nova mudança visualizada durante os anos 1960 quando mantém, de maneira coerente, o mesmo discurso, como reação a essa mudança (Goldman, 1986).

As idéias dominantes, em um dado momento histórico, representam as idéias da classe dominante uma vez que a classe que tem à sua disposição os meios de produção material controla a produção intelectual (Marx, 1979). Sob esse ponto de vista, sua produção intelectual mostra de maneira muito clara a dominação produtiva e cultural de uma nova classe dominante emergente, caracterizada por uma burguesia com bases na indústria mais que na agricultura. Exatamente por essa situação pouco ter se alterado no decorrer de todos os anos subseqüentes, com o capital sendo o fator preponderante na dominação política e social é que várias de suas características vão permanecer, independentemente do passar do tempo, na Psiquiatria de São Paulo, desde há muito diferente da Psiquiatria carioca, onde os grandes nomes que compunham o *establishment* psiquiátrico foram profundamente influenciados pela psicanálise (Russo, 2002).

Assim persistiram a postura conservadora, presente no afastamento da psicanálise e de outras posturas humanísticas dentro das cadeiras de psiquiatria, a biologização e medicalização dos fenômenos psicológicos e sociais e a visão

política repressiva e hierarquizada, dentro de uma visão autoritária do saber que Chauí (1982) refere quando diz que “o competente em nossa sociedade é aquele que possui um saber determinado, institucionalmente reconhecido, graças ao qual pode não só falar e agir pelos outros, mas ainda, e sobretudo, excluir os outros do direito de serem sujeitos de seus discursos e de suas ações” com a competência, “sob a auréola da neutralidade e da objetividade dos conhecimentos técnicos e científicos, sendo um poderoso elemento ideológico para justificar (ocultando) o exercício da dominação”. Assim, quem sabe manda e quem não sabe obedece. Isso dentro de uma idéia de universalidade presente na maioria dos discursos da própria classe dominante, uma vez que as relações entre os homens (e na psiquiatria isso é de fundamental importância), é derivada do próprio conceito de homem (Marx, 1979).

Dessa forma, embora não atendendo à demanda social, esse padrão de pensamento oriundo do primeiro quartel do século XX, ainda tenta dar uma resposta ao processo de modernização capitalista pensando atender às expectativas dos círculos empresariais, adotando um modelo tecnocrático e competitivo, facilmente visualizável na obra citada.

Isso torna-se mais visível ainda quando pensamos a questão da multidisciplinaridade do atendimento, uma vez que profissionais não médicos são praticamente excluídos dos aspectos decisórios, quer sob o ponto de vista terapêutico, quer sob o ponto de vista político institucional, fato esse claramente visto na questão relativa à psicanálise, que não somente é desqualificada sob o ponto de vista teórico, mas em sendo considerada um engodo, é retirada dos processos decisórios da universidade, diferentemente do que refere Russo (2002) no Rio de Janeiro, onde os psiquiatras vincularam-se a ela, dentro do próprio contexto da Liga Brasileira de Higiene Mental.

Da mesma forma a idéia teórica de uma sociedade com reputação de elevada tolerância e miscigenação étnica – o “caldeirão racial”, ou *melting pot* (Iacoponi; Laranjeira; Jesus Mari, 1991) permanecem impregnando-a de forma a não se poder ver as dificuldades sociais inerentes aos processos psicopatológicos envolvidos.

Representa assim, com repercussões marcantes ainda em nosso momento presente, a supervalorização de uma teórica competência em detrimento de uma política voltada para a sociedade, criando-se uma reprodução de poder da sociedade capitalista e sendo um produto da mesma, o que a torna pobre em seu poder criador e inovador, repetindo ideologias antigas, bem como, principalmente, na sua influência social efetiva, que mostra-se conservadora e pouco afeita às transformações, apesar da tendência consciente ou não consciente para evitar toda a explicação pela luta de classes (Goldman, 1986).

Referências

- ABRÃO, J. L. F. *A história da psicanálise de crianças no Brasil*. São Paulo: Escuta, 2001, p. 67.
- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, s/d. 120p.
- CAMPOS, R. H. F. *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- CAMPOS, C. *São Paulo pela lente da Higiene*. São Paulo: FAPESP, 2002, p. 23-4.
- CHAUÍ, M. *Contra o discurso competente*. Folhetim, *Folha de S. Paulo*, 7/2/1982.
- DESVIAT, M. *A reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. 166p.
- EDITORIAL. Prof. Antonio Carlos Pacheco e Silva (1898-1988) – Na história da Psiquiatria Brasileira. *Arq. Saúde Mental Estado de São Paulo (XLVII-LII)*, p. 158-61; 1988-93.
- FAUSTO, B. A crise dos anos vinte e a revolução de 1930. In: FAUSTO, B. *História geral da civilização brasileira III. O Brasil Republicano Sociedade e Instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- GOLDMAN, L. *Ciências humanas e filosofia*. São Paulo: Difel, 1986.
- IACOPONI, E., RAMOS LARANJEIRA, R., JESUS MARI, J. Brazil: a giant wakes up to progress and inequality In: APPLEBY, L., ARAYA, R. *Mental Services in the Global Village*. London: Royal College of Psychiatrists, 1991.
- MARX, K. Excertos da ideologia alemã. In: FROMM, E. *Conceito marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 171-86.
- NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal – prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PACHECO E SILVA, A. C. Porque não sou anti-semita. In: *Por que ser anti semita: um inquérito entre intelectuaes brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.
- _____. *Problemas de Higiene Mental*. São Paulo: Oficinas Gráficas do Hospital do Juqueri, 1936. 141p.
- _____. *A psiquiatria e a vida moderna*. São Paulo: s/ed, 1948.
- _____. *Iniciação médica*. São Paulo: Edigraf, 1950, p. 18.
- _____. *Palavras de psiquiatria*. São Paulo: Edigraf, 1950.
- _____. *A guerra subversiva em marcha*. São Paulo: Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, 1961.
- _____. *Hippies, drogas, sexo, poluição*. São Paulo: Martins Editora, 1974.
- _____. *Desajustes psico-sociais*. São Paulo: Edigraf, s/d.
- PROCTOR, R. N. Nazi Doctors, Racial Medicine, and Human Experimentation. In: ANNAS, G. J., GRODIN, M. A. *The Nazi Doctors and the Nuremberg Code*. New York: Oxford University, 1992, p. 17-31.
- RAMOS, J. S. Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre a imigração da década de 20. In:

- MAIO, M. C., SANTOS, R. V. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998, p. 59-84.
- RUSSO, J. *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 19.
- SANSONE, L. As relações raciais em *Casa-Grande e Senzala* revisitadas à luz do processo de internacionalização e globalização. In: MAIO, M. C., SANTOS, R. V. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998, p. 207-17.
- SILVEIRA, C. *A formação da nacionalidade brasileira no pensamento médico paulista: a contribuição de Antonio Carlos Pacheco e Silva*. 1993. Tese (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

Resumos

El autor presenta, través la obra de Antonio Carlos Pacheco e Silva, la cuestión ideológica en la Psiquiatría.

También discute su importancia en aquel momento histórico brasileño, así como su influencia en la Psiquiatría del Brasil hasta los días hoy.

Palabras clave: Antonio Carlos Pacheco e Silva, ideología, historia de la psiquiatría

L'auteur présente ici, à travers l'œuvre d'Antonio Carlos Pacheco e Silva, la question idéologique dans la Psychiatrie.

Il discute également de son importance pour le Brésil de l'époque, ainsi que de son influence dans la Psychiatrie brésilienne jusqu'à nos jours.

Mots clés: Antonio Carlos Pacheco e Silva, idéologie, histoire de la psychiatrie

In this article the author discusses ideological questions in psychiatry, based on the work of Antonio Carlos Pacheco e Silva. Also discussed are Pacheco e Silva's importance during his period in Brazilian history and his influence on Brazilian psychiatry until today.

Key words: Antonio Carlos Pacheco e Silva, ideology, history of psychiatry